

ANO  
P

\* TEM HISTÓRICO SOBRE MOV. F. -  
BRASILEIRO E INTERNACIONAL  
- E CITA F. NO MUNDO DO  
TRABALHO.

## Representações de Gênero em Casa Grande e Senzala<sup>1</sup>

Josélia Neves

Morreu violentada porque quis, saía, falava, cantava  
Podia estar quieta e ser feliz, calada, acuada, castrada...<sup>2</sup>  
Angela Ro Ro

### Resumo

Este artigo se propõe a construir uma reflexão a partir do olhar sobre a obra de Gilberto Freyre, "Casa Grande & Senzala" - referência de estudos no âmbito da temática colonização brasileira no sentido de produzir inferências acerca da compreensão do modelo de mulher que é representada na obra, bem como as relações de gênero que determinavam essa representação, ou seja, como a mulher era vista socialmente e a influência deste contexto no resultado do trabalho freyreano.

Palavras-Chave: Gênero, Homem, Mulher, Colônia.

### 1 - Introdução

A disciplina "Teorias da Colonização", ministrada pelo Prof<sup>o</sup> Dr Carlos Santos, no Mestrado de Desenvolvimento Regional da Universidade Federal de Rondônia, no 1º semestre de 2001, possibilitou que tivéssemos os referenciais teóricos necessários que permitissem a produção desta reflexão.

Foram muito agradáveis as tardes onde nos debruçávamos tomando contato pela primeira vez com obras clássicas como Casa Grande & Senzala de Gilberto Freyre, Formação Econômica do Brasil de Celso Furtado, Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda, O Povo Brasileiro e o Processo Civilizatório de Darcy Ribeiro, História Econômica do Brasil de Caio Prado Júnior, entre outros.

<sup>1</sup> Reflexão produzida por Josélia Neves a partir da obra de Gilberto Freire, Casa Grande e Senzala como pré-requisito avaliativo da disciplina Teoria da Colonização ministrada pelo Prof. Dr. Carlos Santos no Curso de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – UNIR – junho de 2001.

<sup>2</sup> Fragmento da Música "Mônica" da autoria de Ângela RoRo, homenagem a Cláudia Lessin Rodrigues, morta violentamente aos 21 anos em 1977. Crime que chamou a atenção da sociedade brasileira; a violência contra a mulher sai da esfera privada e doméstica para a pública.

Esta literatura, inegavelmente tem contribuído no sentido de explicar a nossa constituição enquanto gente do Brasil, explicitando peculiaridades tão significativas que dizem muito de cada um de nós, do nosso comportamento, das histórias que trazemos de tão longe enfim, uma experiência que representou um fantástico crescimento. E penso que seja importante dizer isso numa região como esta, considerada periférica, onde as oportunidades educacionais são tão escassas.

Certamente das obras citadas acima, constantes da bibliografia preparada pelo Profº Dr. Carlos Santos, a que mais chamou a atenção foi a de Gilberto Freyre, Casa Grande & Senzala. Embora de forma conjunta, tenhamos avaliado, que os registros produzidos pelos autores mencionados neste texto não contemplam os feitos das mulheres, o seu significado no processo de colonização e o papel por elas desempenhado para a construção da sociedade brasileira. Uma grande lacuna.

Sabemos que já há esforços neste sentido, de se resgatar a história sob o ponto de vista das mulheres. As contribuições dos movimentos sociais são bem vindas, mas a idéia é de se consolidar obras de dimensão próxima aquelas já referenciadas neste trabalho, de forma que um texto desta natureza sirva de reflexão para toda a sociedade e não apenas limitado a um grupo.

Nas duas últimas décadas, um conjunto de estudos feministas produziram uma considerável reavaliação das explicações correntes da vida social, apoiadas nas experiências das mulheres e na crítica às teorias sociais, geralmente omissas quanto a implicação das relações de gênero na explicação da organização social.

Quanto a opção feita, explica-se; uma coisa é ouvir falar de Casa Grande & Senzala, e a outra, muito diferente, é aproveitar a leitura que este texto proporciona. Ler em sala, já numa segunda ou terceira leitura, pequenos fragmentos do livro e fazer pontes com a atualidade foi um exercício de intelectualidade constante em nossas aulas, acrescentando os debates esquentados, considerando a heterogeneidade explícita da turma.

Mas ler Gilberto Freyre foi e é, sobretudo, como adverte Darcy Ribeiro (2000) constatar que se trata do "*maior dos livros brasileiros e é o mais brasileiro de todos os ensaios que escrevemos*" (p.11). Principalmente pelo fato de que a publicação de Casa Grande & Senzala, em 1933, representou o que identifico de marco de rupturas, conforme interpretações de estudiosos de sua obra, uma vez que inaugura uma teoria social renovada com idéias que se contrapunham ao rascismo tão explícito na época, combatendo a idéia perversa que atribuía aos negros e índios na figura do mestiço, a responsabilidade pelo atraso do país. Freire vai justamente valorizar estas características e sustentar que a força cultural do povo brasileiro advém da mistura de raças.

Outra grande contribuição de Gilberto Freyre refere-se a produção de um olhar cuja linguagem de acordo com Astrojildo Pereira citado por Darcy Ribeiro (2000), é "*atrevidamente nova mas muito nossa; um livro que dava categoria literária a muita palavra vulgar; e sobretudo, um livro que tomava por protagonista central não aos heróis oficiais, mas à massa anônima*". (p.12). Nesta perspectiva, ganha força a *história das mentalidades*, que leva em conta as construções e reconstruções que se fazem em torno dos processos históricos centrados nos acontecimentos do dia-a-dia das pessoas. Uma forma didática de demonstrar que a história é feita por todos, homens e mulheres em todos os momentos da vida.

Entretanto, a nossa atenção acadêmica, se dirige para além do propalado, busca o que não aconteceu, o que não foi, no intuito de pensar o porquê da não ocorrência. Sendo assim, ganha sentido a reflexão que propomos a partir da leitura de Casa Grande & Senzala, isto é, a análise do 6º capítulo.

Vale transcrever a organização do texto que se apresenta da seguinte forma: o 1º capítulo trata das *Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida*; o 2º - *O indígena na formação da família brasileira*; o 3º - *O colonizador português: antecedentes e predisposições*; o 4º e o 5º capítulo com o mesmo título - *O*

*escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro*. Daí o nosso interesse pelo 6º, aquele que Gilberto Freire ficou devendo às mulheres.

Após várias leituras da obra freyreana - entre surpresa e chocada, surpreendendo - me a cada vez que me deparava com uma citação relacionada às mulheres, considerando a forma como o texto está escrito - resolvi pensar numa forma de conciliar o meu deslumbramento pela obra com o incômodo que sentia e se manifestava de forma cada vez mais crescente.

Foi então que aos poucos foi tomando forma a idéia desta reflexão. Iniciamos nosso trabalho recortando as ocorrências referentes a forma como a mulher aparece na obra, a saber: **índia, negra, mulher brasileira** (forma de designar a mulher branca européia), **mulata, menina-moça, mãe-benta, filhas de Maria, comadre parteira, bruxas portuguesas, ama-de-leite, escrava enredeira, iaiá solterona, mãe-preta, mucama e sinhá-moça**.

## 2 - Breve histórico da luta das mulheres

**As mulheres brasileiras**<sup>3</sup>: castidade conjugal segundo depoimentos negativos de franceses dos séculos XVII e XVIII, p. 477; contraste entre a sua conduta moral na Corte e nas cidades e no interior, p. 501 - 502; fala estridente e desagradável, p. 392; preferência erótica do português, 84-85; tipo anormal de superexcitada genésica, p. 425; agentes de depravação precoce dos meninos patriarcais p. 424-425; alcoviteiras, p.478; sensualidade exaltada, p. 479 - 480; seleção das mais belas para amantes dos senhores p. 499; nuas nas casas-grandes dos séculos XVI e XVII, p.236-237.

Ao longo da história da humanidade nem sempre a opressão às mulheres foi naturalizada por todos; algumas pessoas, homens e mulheres, estranhavam estes comportamentos, certamente uma mulher deve ter ousado colocar o nariz na sala de visitas, já que o espaço permitido de localização da mulher era a cozinha, o privado, nunca o público.

E com marcos, com registros, aos poucos a história das mulheres vêm se construindo, até mesmo no sentido de se buscar a identidade daquelas mulheres que contribuíram para transformar a sociedade a partir do olhar feminino. Um pouco disso tudo foi resgatado através de uma pesquisa

fantástica que mobilizou pessoas do país inteiro, no que foi organizado como Dicionário História das Mulheres.

O registro mais antigo que temos notícia acerca dos movimentos das mulheres por seus direitos nos remete ao final da idade média, através da figura feminina conhecida como Christine de Pisan (1364 - 1429), que já naquela época se incomodava com a desigualdade entre homens e mulheres, se manifestando contra a igreja no que se referia a obrigatoriedade da subordinação feminina.

Notadamente as francesas destacaram-se bastante nesta questão. Marie le Jars de Gournay (1566 - 1645) escreveu sobre a igualdade entre os sexos, tinha o entendimento que a mulher deveria participar na sociedade. Outros acontecimentos históricos como a Revolução Francesa (1789) vem propiciar o fortalecimento do movimento. As reivindicações aumentam e o recado das mulheres nas ruas é que a *liberdade, igualdade e fraternidade* deveriam também ser estendidos às mulheres. Entre outros pontos, defendiam o exercício da cidadania feminina e a revogação da legislação que submetia a mulher ao domínio masculino.

Neste período, surge no cenário das lutas a favor de uma sociedade democrática, uma figura especial, a francesa Olympe de Gouges, que em 1791, lançou a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã. Corajosamente afirmava que "*se a mulher tem o direito de subir no cadafalso ela deve poder subir também à tribuna*". O preço por tanta ousadia foi alto: Olympe foi condenada à morte e submetida à guilhotina em 1793 por "*ter querido ser homem*". As associações feministas francesas foram fechadas e o Código Napoleônico legitimou o casamento civil e subordinou a mulher ao marido.

Há uma movimentação muito grande atualmente, por parte das entidades sociais no sentido de se promover uma revisão na Declaração dos Direitos do Homem para que contemple a perspectiva de gênero, incluindo as propostas já defendidas por Olympe de Gouges desde 1791.

---

<sup>3</sup> Recorte feito a partir do índice remissivo da obra Casa Grande & Senzala de Gilberto Freyre, 2000.

Entretanto, o impacto causado pela Revolução Industrial no século XVIII, contribuiu no sentido de fazer com que as pessoas enxergassem direitos até então desconhecidos. A mulher foi inserida no mercado de trabalho, um ganho aparente, já que a luta aumenta, uma vez que foi obrigada a trabalhar em longas jornadas que as vezes chegavam até em 17 horas diárias, situações insalubres, espancamentos e ameaças sexuais constantes, além de receber salários bem menores que os dos homens. Na Inglaterra, em 1819, depois de um conflito com a polícia, foi aprovado uma lei que reduziu para 12 horas a jornada de trabalho de mulheres e crianças.

Os EUA deixaram de ser colônia inglesa em 1776, com um processo acelerado de industrialização; entretanto, a principal queixa dos trabalhadores ainda era a redução do trabalho. Neste período, 120 trabalhadoras têxteis da fábrica de Tecidos Cotton, em Nova York, cruzaram os braços e paralisaram suas atividades, reivindicando uma jornada de 10 horas. Era a primeira greve constituída exclusivamente de mulheres.

Estas foram violentamente reprimidas pela força policial. Os patrões obrigaram todas a se recolherem no interior da Fábrica e após fechar as portas, atearam fogo no prédio e as trabalhadoras foram totalmente carbonizadas. Este fato ficou na memória do mundo, mais tarde se transformando no dia de reflexão por uma sociedade não-sexista. Era o dia 8 de março de 1857.

Outras formas de organização surgiram em todo o mundo, outras mulheres se engajaram nesta luta, entre outras, Clara Zetkin, jornalista e militante socialista, nascida coincidentemente no dia 8 de março, mesma data do massacre das mulheres.

Participou das manifestações que resultaram na Comuna de Paris, em 1871. Nesta oportunidade, afirmou que: "*... não é o trabalho feminino enquanto tal, através da competição com o trabalhador masculino, que abaixa os salários, mas a exploração da mulher trabalhadora pelo capitalista, que se apropria de seu trabalho... Assim como o trabalhador masculino é subjugado pelo capitalista, assim é a mulher pelo homem e assim ela permanecerá enquanto for economicamente dependente*".

No Brasil, a presença das mulheres, pode ser verificado em vários movimentos e até de forma muitas vezes anônima. Pelo esforço de historiadores comprometidos com versões que privilegiem os grupos na condição de subalternos, já é possível sabermos que houve mulheres como a escrava Zeferina líder do levante em 1835, no Quilombo de Urubu, próximo a Salvador, Tereza, que chefiou durante duas décadas, no século XVIII, o Quilombo do Quariterê, em Mato Grosso. Originária de Benguella na Angola, Tereza liderou um grupo de negros responsáveis pela produção de algodão e tecidos, até quando foi presa e morreu em 1770.

Outras lutas, como a da escravidão teve a participação de abolicionistas famosas como Maria Thomásia, Chiquinha Gonzaga que em nome de um projeto maior, a liberdade de homens e mulheres, abandonaram sua segurança pessoal.

Referente aos aspectos econômicos, as modificações introduzidas no mundo e particularmente no Brasil, apresentaram uma demanda de tal ordem que a recente indústria precisou de trabalhadores. Entraram no cenário mulheres e crianças, a mão-de-obra que se fazia necessária.

Outro fator importante foi a imigração europeia que contribuiu para a organização do operariado no país e as mulheres foram penalizadas com este 'presente de grego' - pois além dos afazeres domésticos ainda tinham que dar conta do serviço fabril - equivalente ao trabalho existente por ocasião da Revolução industrial, ou seja, o cumprimento de uma exaustiva jornada, maus tratos corporais, abusos sexuais, coerção por parte da polícia, além dos salários mais baixos em relação aos dos homens. Sem garantias ou proteção trabalhista, muitas vezes estavam expostas a horas longas de atividades insalubres.

A primeira legislação que regulamentou o trabalho feminino está ligada a reforma sanitária que fixou limite de idade mínima para o trabalho feminino, no caso 12 anos, além da proibição de serviço noturno.

Significativo também, foram os esforços envidados pelos movimentos relativos a luta pela conquista do voto feminino, que mobilizou as mulheres de

T  
R  
A  
B  
A  
L  
H  
A  
D  
O

todas as camadas sociais. A mulher potiguar foi a primeira a ter acesso a este direito, em função da lei estadual de 1928. No Brasil é assegurado na Constituição de 1934.

Em 1995, a Organização das Nações Unidas realizou a 4ª Conferência Mundial da Mulher em Beijing. Este evento, culminou com um acordo internacional para a implementação da ampla Plataforma de Ações para a igualdade de gênero e o empoderamento da mulher.

O documento do Department for International Development "A eliminação da pobreza e o empoderamento da mulher, (2000) que apresenta as Estratégias para o cumprimento das Metas Internacionais de Desenvolvimento, afirma que:

"Grandes avanços foram alcançados no século XX. As mulheres gozam de maior liberdade e poder que nunca. No entanto, ainda ficam aquém dos homens em praticamente todos os aspectos da vida. As desigualdades podem ocorrer no campo do desenvolvimento econômico e segurança dos meios de vida, do desenvolvimento humano, dos direitos humanos, da segurança pessoal e no tocante à delegação de poder e a representação política, áreas em que a desigualdade é acentuada pelos estereótipos de gênero e atitudes sociais negativas. A desigualdade entre os gêneros varia de local para local, mas continua clara a condição geral de desvantagem que a mulher enfrenta. As desigualdades de gênero acarreta uma grande perda de potencial humano e custos, tanto para os homens como para as mulheres".(DFID, 2000, p. 8).

E muitos outros movimentos vem mobilizando as mulheres; as frentes de lutas são variadas. Não pretendemos nos estender neste histórico, até porque há trabalhos específicos que tratam deste tema com maior aprofundamento, a idéia é de que demonstremos que já havia pesquisa e contribuições importantes a respeito da mulher, por ocasião da publicação da obra de Gilberto Freyre Casa Grande & Senzala, em 1933.

### 3 - Expressões referentes à mulher na obra de Gilberto Freyre: Casa Grande & Senzala

Selecionamos, uma série de termos e expressões utilizadas ao longo da obra, no que se refere às mulheres - tanto produzidas pelo autor como também

extraídas de citações - o que de certa forma foi esclarecedor no sentido de encaminhar questões para uma melhor sedimentação do trabalho: **que mulher é representada na obra Casa Grande & Senzala? até que ponto o enaltecimento do macho, do "garanhão desbragado", inferioriza e favorece a invisibilidade da mulher? Pesquisas, identificam a participação das mulheres na vida política da colônia. Onde estão elas?**

Decerto, foram muitas as fontes de pesquisa de Gilberto Freyre para a construção da obra Casa Grande & Senzala, como ele mesmo afirma "*Para o conhecimento da História social do Brasil não há talvez fonte de informação mais segura que os livros de viagem de estrangeiros*". (p.59). Entretanto, considerando que avanços significativos referentes as lutas das mulheres aconteceram inicialmente na Europa, como explicar o silêncio dos pesquisadores estrangeiros e do próprio autor, de não terem colocado uma linha a esse respeito? **A forma de tratamento dado a mulher no tempo da colonização brasileira pode nos informar algo do que somos hoje?**

Conforme Balone (2001), não apreendemos a realidade exatamente como ela é. Nos aproximamos variavelmente dela de acordo com nossos interesses, nossas crenças, nossos princípios e acervo cultural, etc. Por exemplo, uma pessoa apaixonada não terá condições de elaborar um correto julgamento acerca da personalidade de quem ama. Normalmente, nestes casos, a força da paixão turva a avaliação do objeto amado. Outra ilustração possível, é a da orquídea vista de forma diferente pelo poeta e pelo botânico.

Nesta perspectiva, avalio que as informações e vivências que tenho a partir do movimento de mulheres, permitem uma visão que provavelmente autores que escreveram sobre a colonização não tiveram, o que remete a idéia de que a sua representação a respeito das mulheres também é tendenciosa na medida em que o fato de não mencioná-las, passa justamente pela concepção de que esta não é importante, uma forma de relegar o assunto a segundo plano.

As expressões foram retiradas no intuito de demonstrar, a título de amostragem, como sob um olhar mais atento - não necessariamente de uma feminista - estes termos podem fornecer pistas acerca do que o título do trabalho sugere: Representações de Gênero em Casa Grande & Senzala.

- Branca para casar, mulata para f...., negra para trabalhar(p. 85);
- Atraídos pelas possibilidades de uma vida livre, inteiramente solta, no meio de muita mulher nua, aqui se estabeleceram por gosto ou vontade própria muitos europeus do tipo que Paulo Prado retrata em traços de forte realismo. Garanhões desbragados. (p. 95); (...)
- As mulheres estêreis indo esfregar-se, de saia levantada, nas pernas de São Gonçalo do Amarante (p. 95)
- Degredados, cristãos-novos(...) e que acabavam muitas vezes tomando gosto pela vida desregrada no meio de muita mulher fácil e à sombra de cajueiros e araçazeiros (p. 120);
- O europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne. (...) As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho. (p. 164);
- De um colono rico dos primeiros tempos sabe-se que ia ao extremo de fazer-se servir à mesa por índias nuas; e não parece que fosse caso isolado o seu. (p. 181);
- Nossas brasileiras não desmaiam se pronunciamos na sua presença as palavras perna, colo, etc., como as inglesas (p.313);
- Tem havido também muito Wanderley doido por negra. (p. 338);
- Botina e mulher só pretas (p. 338);
- Só queria saber de mulecas (p.344);
- São é geral pretalhonas de elevada estatura - essas negras que é costume chamar de baianas. (p. 370);
- Indiferentes aos refinamentos do amor. (p. 372);

- A negra corrompeu a vida sexual da sociedade brasileira, iniciando precocemente no amor físico os filhos-família. Mas essa corrupção não foi pela negra que se realizou, mas pela escrava. Onde não se realizou através da africana, realizou-se através da escrava índia. (p. 372);
- Não há escravidão sem depravação sexual. (p. 372);
- Negras tantas vezes entregues virgens, ainda mulecas de doze e treze anos, a rapazes brancos já podres de sífilis das cidades.(p. 373);
- É claro que sifilizadas - muitas vezes ainda impúberes - pelos brancos seus senhores, as escravas tomaram-se, por sua vez, depois de mulheres feitas, grandes transmissoras de doença venéreas entre brancos e pretos. O que se explica ter se alagado de gonorréia e de sífilis a nossa sociedade do tempo da escravidão. (p. 373);
- De um barão do Império conta Grieco que morreu já octogenário, a acariciar mucamas púberes e impúberes. (p. 381);
- A figura boa da ama negra que, em tempos patriarcais, criava o menino lhe dando de mamar, que lhe embalava a rede ou o berço, que lhe ensinava as primeiras palavras de português errado. (p. 391);
- Muitas brasileiras, porém, tornaram-se baronesas e viscondessas do império sem terem sido internas dos Recolhimentos: analfabetas, algumas; outras fumando como umas caiporas; cuspiendo no chão; e ainda outras mandando arrancar dentes de escravas por qualquer desconfiança de xumbergação do marido com as negras.(...) Ignorantes. Beatas. Nem ao menos sabiam vestir-se. (...) trajavam-se que nem macacas; saia de chita, camisa de flores bordadas (p. 399);
- Quem tivesse sua filha, que a casasse meninota. Porque depois de certa idade as mulheres pareciam não oferecer o mesmo sabor de virgens ou donzelas que aos doze ou aos treze anos. (p. 401); Depois dos vinte, decadência. Ficavam gordas, moles. Criavam papada. Tornavam-se pálidas. Ou então murchavam. (...) mas feias, de buço, um ar de homem ou virago.(p. 402);

- Com pretas e pretos boçais, e com os filhinhos destes vivemos desde que abrimos os olhos; e como poderá ser boa a nossa educação? (p. 404);
- Que se servem com as escravas, que se prostituem ao primeiro que as procura? (p. 405);
- O que a negra da senzala fez foi facilitar a depravação com a sua docilidade de escrava; abrindo as pernas ao primeiro desejo do sinhô-moço. Desejo, não: ordem." (p. 425).
- (...) quem aparece auxiliando as senhoras brancas nas suas aventuras de amor são escravas negras. O mais provável é que fossem as negras as principais alcoviteiras." (p. 478).

#### 4 - Considerações sobre gênero e representação da realidade

O determinismo biológico por algum tempo procurou justificar a persistência da desigualdade entre os sexos. No entanto, sabe-se que o equipamento biológico sexual inato não dá conta da explicação do comportamento diferenciado entendido como masculino e feminino observado na sociedade. Substituir estudos de mulher pelos de gênero visa sobretudo a valorização da diferença.

De acordo com Costa (1992), gênero pode ser entendido como um constructo abstrato, princípio de classificação que emerge da observação com o real. Diferentemente do sexo, o gênero, é um produto social aprendido, representado, institucionalizado e transmitido ao longo das gerações, onde o poder é distribuído de maneira desigual entre os sexos, cabendo às mulheres uma posição subalterna na organização da vida social, conforme corrobora o documento abaixo:

As diferenças entre homens e mulheres são determinadas biológica e socialmente. As funções biológicas, ou de sexo, constituem diferenças fundamentais entre homens e mulheres. Os papéis sociais ou de gênero são altamente variáveis e encontram-se vinculados à convenções e outras forças sociais, econômicas, políticas e culturais. No entanto, a variação significativa entre a posição das mulheres em diferentes sociedades em todo o mundo demonstra que os papéis de gênero não são fixos. Podem ser mudados ou negociados." (DFID, 2000, p. 11)

Neste trabalho, desenvolvemos o significado de representação da realidade, com base na capacidade de conhecer o mundo que todo ser humano tem, isto é, se dá através da percepção que a pessoa tem anteriormente à realidade consciente, através dos estímulos que apreendemos pela primeira vez e a conseqüente transformação dessa percepção em realidade interna, produzida a partir da leitura individual.

A partir de uma pesquisa feita na Internet, enriquecemos o texto com informações, que julgamos ser proveitosas, trata-se de um histórico a respeito das reflexões desenvolvidas, por filósofos sobre a representação da realidade, conforme segue:

A cultura ocidental registra em Platão (427-374 AC) a primeira reflexão sobre uma nova espécie de realidade experimentada pelo ser humano e que não corresponde exatamente à realidade objetivamente verdadeira: identificada como *realidade psicológica*.

Já Santo Agostinho (354-430 d.C.), considerado um grande estimulador dos recentes movimentos existencialista e até da psicanálise, inspirou sua obra na realidade das experiências interiores do ser humano, propondo a idéia de que os sentimentos são dominantes e que o intelecto é seu servo.

No seu livro Confissões, Santo Agostinho foi o primeiro a centralizar-se na introspecção psicológica, sugerindo também, uma completa revisão do pensamento anterior, segundo o qual o raciocínio dedutivo era o único instrumento de constatação da verdade e da realidade (racionalismo). Ele negava, categoricamente, a capacidade do ser humano para encontrar a verdade confiando apenas em suas próprias faculdades.

John Locke, filósofo do século XVII, acreditava também na existência de duas realidades: uma delas conferida pela percepção dos objetos e denominada experiência exterior e uma outra, determinada pela percepção dos sentimentos e desejos, a que chamou de experiência interior. A doutrina de Locke foi muito bem desenvolvida por Berkeley e por David Hume, os quais concluíram que nenhum conhecimento absoluto é possível, e aquilo que

sabemos da realidade é baseado na experiência subjetiva (experiência interior), a qual não reflete necessariamente o quadro verdadeiro do mundo.

Wiliam James, no século passado, enfatizou a natureza altamente pessoal dos processos de pensamento e o caráter sempre mutável das percepções do mundo, alteradas que são pelo estado subjetivo da pessoa que percebe.

Portanto, já que a concepção da realidade é baseada na experiência subjetiva e, sendo esta capaz de conferir uma natureza altamente pessoal à percepção do mundo e aos pensamentos, então a realidade percebida decorrerá sempre do estado subjetivo do indivíduo. Cada consciência, em particular, integra e totaliza de maneira muito peculiar o seu relacionamento com o mundo. Desta forma, os fatos oferecidos pelo mundo objectual à nossa volta resultarão numa representação única e individual para cada um de nós, e será esta representação que constituirá a realidade particular de cada indivíduo.

## 5 - Análise do 6º Capítulo de Casa Grande & Senzala

A escritora Michelle Perrot<sup>4</sup> afirma que tradicionalmente, *"o ofício do historiador é um ofício de homens que escrevem a história no masculino. Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes sociais e negligencia os sexos. Cultural ou mental - fala do homem em geral, tão assexuado quanto a humanidade"*. Sendo assim, podemos inferir que o papel reservado as mulheres, no livro Casa Grande & Senzala, é quase que invisível pois limita-se ao aspecto sexual: *"O que sempre se apreciou foi o menino que cedo estivesse metido com raparigas. Raparigueiro, como ainda hoje se diz. Femeeiro. Deflorador de mocinhas. E que não tardasse em emprenhar negras, aumentando o rebanho e o capital paternos. (p.432).*

---

<sup>4</sup> PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1988. P. 185.

Uma representação medonha de algo que tem apenas uma vagina e um par de peitos - um estilo que se assemelha às pinturas de Tarsila do Amaral, de destacar apenas as partes do corpo, aquelas, objetos de interesse dos dominantes de cada época.

Nesta perspectiva, a invisibilidade da mulher na obra mais conhecida de Freyre, é o tema norteador deste trabalho - daí a ilustração que utilizamos referente ao 6º capítulo. Schumacher (2000), registra a presença de mulheres desde 1500 no Brasil. Informa que " *Martin Afonso recebeu em 1532 de D. João III uma donataria de 100 léguas de Costa brasileira, a capitania de São Vicente. Acostumado com o luxo do Oriente, aceitou o cargo de capitão- Mor da Armada da Índia e deixou sua esposa, Ana Pimentel como procuradora dos negócios do Brasil*". Entretanto não localizamos nenhum informe neste sentido na obra analisada.

Outro informe semelhante, também presente no Dicionário Mulheres do Brasil de Schumacher (2000), refere-se ao fato de que a "*Capitania de Pernambuco teve durante alguns anos a administração de uma mulher, D. Brites de Albuquerque, esposa de Duarte Coelho Pereira*". Vale acrescentar que São Vicente e Pernambuco, foram as duas únicas capitanias que prosperaram. Em relação a Duarte Coelho (p. 397), encontramos referências, o mesmo não acontece em relação ao nome de D. Brites.

Conforme, o relato desta autora, "*26 de abril, 1500 - Pero Vaz de Caminha - 4 ou 5 mulheres moças que não pareciam mal*". Já é possível verificar nesta fala, a ótica de como as mulheres eram vistas. Os relatos são sempre do ponto de vista do conquistador, e este não vê mulheres e sim apêndices.

Ao longo de Casa Grande & Senzala, verifica-se que as mulheres, sejam índias, negras ou brancas, são vítimas da exploração sexual dos colonizadores - leia-se estupros e toda ordem de abusos - em alguns trechos, há uma sutil

alegação de que a mulher se satisfazia com essas práticas - como masoquista<sup>5</sup>, conforme verificamos:

Uma espécie de sadismo do branco e de masoquismo da índia ou da negra terá predominado nas relações sexuais como nas sociais do europeu com as mulheres das raças submetidas ao seu domínio. O furor femeeiro do português se terá exercido sobre vítimas nem sempre confraternizantes no gozo. (p. 121).

As mulheres - índias e negras - constituem, no período colonial, a mão-de-obra escrava dos portugueses e representam o elemento oculto e anônimo que participou involuntariamente da construção do Brasil.

A mulher branca, cuja cor da pele pudesse até significar distinção social, uma vez que demarcava o universo dos senhores e dos escravos na sociedade luso-brasileira, igualava-se às demais na questão da desigualdade. Mesmo na condição de donatárias, sesmeiras ou senhoras de engenho, assumiam outros papéis - aqueles que a história não contou - que eram habitualmente destinados, no dizer de Caetano Veloso, ao "*macho, adulto e branco sempre no comando*". Entretanto conforme a obra freyreana:

Ninguém, porém, foi mais afoito em suas generalizações, contra as senhoras coloniais do que Coreal - viajante ainda mal identificado. Achou-as mais enclausuradas que no México; mas nem por isso menos libertinas. Tamanho seu fogo sexual, que arriscavam honra e vida por uma aventura de amor. Daí resultava serem, umas apunhaladas pelos maridos, outras, tornarem-se públicas cortesãs a disposição de brancos e negros. "

É esclarecedor que Schumacher (2000) informa a presença efetiva de mulheres, como é o caso de "*Ana Lins - século XIX - Senhora de Engenho, defensora da revolução pernambucana de 1817 e com atuação decisiva na Conferência do Equador em 1824, outra revolta Nordestina contra os desmandos absolutista do então imperador D. Pedro I*".

---

<sup>5</sup> É interessante acrescentar que interpretações desta natureza procuram legitimidade até na psicanálise, conforme assinala Freud, (1933) " Há uma relação particularmente constante entre a feminilidade e a vida instintiva que não queremos subestimar. A supressão da agressividade da mulher que lhe é prescrita constitucionalmente e imposta socialmente favorece o desenvolvimento de poderosos impulsos masoquistas, que conseguem, como sabemos aglutinar eroticamente as tendências destrutivas que foram desviadas para dentro. Assim o masoquismo, como as pessoas dizem, é realmente feminino.

O fato de que o contexto de 1933, ano da publicação de Casa Grande & Senzala, não favorecia à situação das mulheres - no que se refere às políticas de direitos igualitários no mundo - não deve ser colocado como pretexto ou justificativa da ausência feminina na obra. Mais uma vez, recorreremos ao trabalho de Schumacher (2000), em função de que apresenta as informações que julgamos mais adequadas para o presente texto e também porque sistematiza contribuições de outros autores e autoras - para demonstrar que havia preocupações quanto as relações de gênero, traduzidas nas realizações de movimentos, nas organizações feministas como "*A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino - entidade civil criada no Rio de Janeiro em 1922 por iniciativa de um grupo de mulheres de classe média e elevada escolaridade, conhecedoras dos movimentos feministas na Europa e EUA. Bertha Lutz, foi sua fundadora e principal líder, por mais de duas décadas*"; nas publicações que denunciavam esta situação como o livro publicado em 1933, "*Direitos das Mulheres, Injustiça dos homens de Nísia Floresta Brasileira Augusta - escritora, educadora, feminista e tradutora, precursora dos ideais de igualdade e independência da mulher no Brasil.*"

Não é difícil compreender porque a convivência harmônica entre a modernidade e as formas institucionalizadas de discriminação sexual faz com que as feministas levantem suspeitas do livro de Gilberto Freyre, por ocasião de análises generalizantes da imagem da mulher na literatura brasileira<sup>6</sup>. Pelo contrário, o que salta aos olhos, nesta obra, é o enaltecimento do macho, o "*garanhão desbragado*" - decantado ao longo da narrativa, como nos mostra o texto abaixo:

"Foi misturando-se gostosamente com mulheres de cor logo ao primeiro contato e multiplicando-se em filhos mestiços que uns milhares apenas de machos atrevidos conseguiram firmar-se na posse de terras vastíssimas e competir com povos grandes e numerosos na extensão de domínio cultural e na eficácia da ação colonizadora". (p. 83).

---

<sup>6</sup> HOLANDA, Heloísa Buarque de. Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil: uma primeira avaliação. In: COSTA, Albertina de Oliveira. Uma questão de gênero. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1992.

Embora muito discretamente, a obra de Freyre, reconhece que cabia à mulher o ônus desta *multiplicação* - tendo em vista, o alto índice de morte materna, de acordo com o que segue: "*Pois essa multiplicação de gente se fazia à custa do sacrifício das mulheres, verdadeiras mártires em que o esforço de gerar, consumindo primeiro a mocidade, logo consumia a vida*". (p. 414).

Casa Grande & Senzala, como já escrevemos no início deste trabalho constitui-se enquanto marco na literatura brasileira, particularmente por apresentar informações que permitem interpretações do comportamento brasileiro. Entretanto, o olhar de homem cosmopolita e atualizado com as grandes questões da época, deixa a desejar no que se refere a participação da mulher na construção da sociedade brasileira no período delimitado pela obra.

As informações sobre as mulheres, são preconceituosas e limitadoras à questão sexual. Em nenhum momento negamos a importância do texto freyreano, nem tampouco desconhecemos que a narrativa na obra retrata a forma como a mulher era tratada na colônia. O que chamamos a atenção é para o fato de que, apesar de todo o contexto repressor da época, aconteceram fatos, histórias, acontecimentos, enfim, mudanças produzidas que favoreceram às mulheres uma série de direitos. Inclusive, numa perspectiva processual, que permitem que após cinco séculos, uma outra mulher, numa produção acadêmica possa fazer a pergunta constrangedora: **à luz de Casa Grande & Senzala, além de transar,<sup>7</sup> fazíamos o que, mais? É uma resposta para se pensar e não responder de imediato sem reflexão.**

A mulher representada na obra Casa Grande & Senzala, é *alcoviteira* (p. 478); *sem ter o que fazer* (p.403); *fácil* (p.120); *à toa* (p.96), entre outros adjetivos que só a desqualificam e, muito pontualmente encontramos menção a

---

<sup>7</sup> O termo *transar* que se refere a relação sexual, foi grafado deliberadamente desta forma para este trabalho.

mulher indígena como portadora de elementos da cultura, presentes no cotidiano brasileiro até hoje (p.165).

Verifica-se, que é pertinente o cômico dos sociólogos e historiadores de que Gilberto Freyre reabilitou e destacou o papel dos negros e índios no processo de colonização, mas o trabalho não foi completo, pois esqueceu-se das mulheres. Um esquecimento produzido.

Onde estavam as mulheres na vida política e anônima da colônia? O tempo todo lá, mas diante de um olhar misógino que não interessava vê-las... Estavam lá, Maria Moreira no século XVIII índia escrava. Era da nação Carijó e viveu cativa em Vila Rica; no entanto, a legislação da Coroa Portuguesa já em junho de 1755, havia reafirmado a proibição da escravidão de índios. Em função disso, Maria Moreira apresentou petição ao governador, datada de 21 de novembro de 1765, solicitando a sua liberdade. Mesmo acolhendo o pedido de Maria Moreira, e determinando a sua soltura, o governador chamou sua atenção para que ela se mantivesse comportada, senão voltaria a ficar presa de novo. (Schumacher, 2000).

E tantas outras que foram relegadas ao anonimato deliberado, como Ana no século XIX - escrava, líder de rebelião. Liderou uma revolta de escravos ocorrida em uma fazenda do interior do Ceará em 1835 que levou à fuga de todos os cativos. (Schumacher, 2000).

A forma de tratamento dado a mulher no tempo da colonização brasileira, de acordo com Casa Grande & Senzala, certamente não tem condições de demonstrar as muitas de suas outras capacidades. Será que depois de constatar este quadro impregnado por idéias pré-concebidas, pode-se esperar alguma coisa, no sentido de nos informar algo do que somos hoje?

## Referências Bibliográficas

ÁLVARES, Maria Luzia M. (org) **A mulher existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia.** GEPEM, Belém, 1995.

BALLONE, GJ. Representação da Realidade in: PsiquWeb Psiquiatria Geral, Internet, 1999. <http://www.psiqweb.med.br/cursos/repres.html>

CONSELHO ESTADUAL DA CONDIÇÃO FEMINISTA. **8 de março - dia internacional da mulher: uma data muitas histórias.** São Paulo, IMESP, 1993.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala.** 41ª edição, Rio de Janeiro, Record, 2000.

HOLANDA, Heloísa Buarque de. **Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil: uma primeira avaliação.** In: COSTA, Albertina de Oliveira. **Uma questão de gênero.** Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1992.

MOTT, M. Lúcia de Barros. **A mulher na luta contra a escravidão.** São Paulo, Contexto, 1991.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO INTERNACIONAL. A eliminação da pobreza e o empoderamento da mulher. DFID, Inglaterra, 2000.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros.** Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1988.

SCHUMAHER, Shuma & VITAL, Érico. (orgs) **Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.